

ESCOLA TÉCNICA FEDERAL DE SANTA CATARINA
UNIDADE DE ENSINO DESCENTRALIZADA DE SÃO JOSÉ
DISCIPLINA: GEOGRAFIA
PROFESSOR : MESSIAS

Os ciclos longos e as relações centro-periferia capitalistas

1

O sistema capitalista teve origem na Inglaterra no século XVI, com a implantação das manufaturas têxteis de lã e dos arrendamentos capitalistas na agricultura, destinados a criação de carneiros, etc. Antes disso, o paralelamente, os capitais comerciais portugueses e espanhóis haviam lançado as bases das trocas comerciais e das pilhagens coloniais, seguidos pelos capitais comerciais ingleses, holandeses e franceses. Onde a economia capitalista manufatureira e agrícola pouco avançava, como em Portugal e Espanha, os impérios coloniais reforçaram o feudalismo interno e barraram a transição ao capitalismo: o ouro da América deu mais vida ao feudalismo, do que acumulação primitiva ao capitalismo ibérico². Naqueles países nos quais a economia manufatureira já havia avançado, como na Holanda e na Inglaterra, ocorreram revoluções burguesas precoces, nos séculos XVI e XVII respectivamente, tornando os impérios coloniais bases da acumulação primitiva capitalista, onde as trocas e pilhagens favoreciam a expansão da manufatura e não a sobrevivência do feudalismo nas metrópoles. Assim, não se deve tomar ao pé da letra a afirmação de que era a supremacia comercial que dava margem, na época, à supremacia manufatureira³. Não há dúvida, entretanto, que a expansão das manufaturas, nascentes na Inglaterra acopladas ao mercado interno, exigiam a conquista de novos mercados e assim, expansão comercial, conquista de novas colônias. Os séculos XVI e XVII foram por excelência o período áureo do capital comercial europeu, responsável pela nascente "Economia-mundo europeia"⁴, na qual ocorreram diferentes graus de integração com a periferia em formação: as áreas de "plantations" escravistas no Brasil, Antilhas e Sul dos EUA foram as mais integradas, seguidas da Europa Oriental (Prússia, Polónia, Hungria etc.) e América Espanhola, onde dominou o trabalho servil, reforçada no primeiro caso, a chamada segunda servidão, ou por substituição dos modos de produção asiáticos existentes anteriormente entre os astecas, incas e maias. As economias tribais africanas, que forneciam

os escravos para a América, as economias asiáticas auto-suficientes da Índia e da China, abastecedoras de artigos de luxo e as áreas de pequena produção mercantil da Nova Inglaterra e do Canadá mantiveram relações menos intensas com o capital comercial europeu.

A articulação entre o centro e a periferia era realizada pelo capital comercial europeu e assim as formações sócio-espaciais periféricas eram compostas de dois setores: o capital mercantil europeu presente na colônia e na metrópole e as estruturas produtivas internas que sozinhas não conseguiam definir um modo de produção. Na verdade, a escravidão brasileira ou a servidão na América espanhola eram mais complexas do que a escravidão romana antiga ou o feudalismo europeu, pois não eram puras e sim criações simultâneas do capital comercial europeu, que obtinha super-lucros exportando nos preços mais altos e importando os preços mais baixos e para isto impunha na periferia relações de trabalho compulsórias. No processo de emergência do capitalismo foram nascendo formações sociais duais na periferia (capital comercial mais trabalho compulsório), na expressão de I. Rangel, que não podiam ser entendidas na estrita extensão do território colonial, como a escravidão no Brasil, que consistiu numa articulação que abrangia a produção de mercadorias e subsistências no Brasil, a reprodução da força de trabalho na África e a acumulação de capital principalmente na Europa ocidental⁵.

A economia-mundo europeia foi sujeita às oscilações cíclicas de longa duração, que consistiram num movimento secular, com uma fase de grande expansão no século XVI e outra fase depressiva no século XVII. A fase expansiva correspondeu à implantação das manufaturas na Inglaterra e Holanda e às descobertas marítimas e coloniais sobretudo portuguesas e espanholas. A manufatura consistia num sistema avançado de organização do trabalho, com sua divisão interna; mas era tecnicamente conservadora, na medida em que era artesanal⁶. Uma vez implantado, o sistema se expandia horizontalmente, sem maiores renovações técnicas de capital intensivo. Provavelmente por esta razão o século XVII foi marcado pela baixa conjuntura, pois o sistema manufatureiro não podia sofrer alterações verticais, além de que os territórios coloniais conquistados no século XVI não foram ampliados e as guerras comerciais se restringiram mais a disputá-los⁷.

Durante o século XVII a depressão econômica que se manifestou

... na Europa, exceção da Holanda, provocou grande diminuição do comércio colonial e assim queda da produção dos gêneros coloniais, principalmente no período 1620-1670. A periferia, aparentemente, permaneceria deprimida, mas os acontecimentos históricos mostraram que na Índia, no Brasil, nas colônias americanas da Espanha e mesmo num país então semi-periférico como Portugal, haviam potenciais disponíveis à expansão de produções destinadas aos mercados internos, até então abastecidos pelo capital mercantil europeu.

Na Índia houve forte crescimento das manufaturas têxteis, que provocou conjuntura econômica favorável ao comércio, à agricultura, etc. No Brasil e na América espanhola desenvolveram-se a pecuária e a agricultura destinadas ao abastecimento interno e nas cidades do México, Peru, Chile, etc. desenvolveram-se manufaturas de tecidos de algodão e lã, grandes (obrajes) e pequenas (trapiches), manufaturas reais de cigarros e pólvoras, fábricas de louças e chapéus, etc. que floresceram exatamente nas conjunturas de depressão do comércio colonial nos séculos XVII e XVIII⁸. A mesma relação entre depressões comerciais e arranques industriais ocorreu em Portugal, onde a queda dos preços do açúcar, tabaco, cravo, etc. acabou provocando no período 1670-1690 o primeiro impulso industrialista, de tipo colbertiano, interrompido com a elevação dos preços dos gêneros coloniais nos fins do século XVII. Nos séculos seguintes, depressões comerciais continuaram a estimular reações industrializantes em Portugal⁹.

O período mercantilista e manufatureiro do capitalismo apresentou fases de expansões e depressões comerciais, além de ter estimulado na periferia 1) relações de produção que se subordinavam ao capital comercial europeu e 2) o desenvolvimento das forças produtivas mesmo nas fases de depressões comerciais, inclusive na semiperiferia ibérica. O que se passou no período industrial do capitalismo?

2

Os contemporâneos da grande depressão da segunda metade do século XIX (1873-1896), como F. Engels, haviam percebido a existência de um período prolongado de contração econômica, mas somente os estudos de estatística econômica de N. Kondratieff, publicados em 1926, demonstraram a evidência empírica dos ciclos longos, nos quais se alternavam fases de expansão e fases de depressão econômicas¹⁰. Assim, desde a primeira revolução indus-

trial sucederam-se quatro ciclos longos, com um primeiro período expansivo(a) e um segundo depressivo(b), totalizando cinquenta anos, cada um, aproximadamente, como se segue:

	(a)	(b)
1º ciclo longo de Kondratieff 1790-1815 1815-1848
2º ciclo longo ou Kondratieff 1848-1873 1873-1896
3º ciclo longo ou Kondratieff 1896-1920 1920-1948
4º ciclo longo ou Kondratieff 1948-1973 1973-1996(?)

Os ciclos longos desempenharam e continuam desempenhando papel fundamental no funcionamento do sistema capitalista. A fase expansiva do primeiro ciclo longo (1790-1815) correspondeu ao auge da primeira revolução industrial (Inglaterra), ponto de partida dos ciclos industriais longos (Kondratieff) e médios (Juglar) e do capitalismo concorrencial, que se estendeu historicamente pelos dois primeiros ciclos longos (1790-1896). Na fase depressiva do segundo ciclo longo (1873-1896) aceleraram-se as mutações que transformaram o capitalismo concorrencial em monopolista e imperialista, bem como foram lançadas as bases da segunda revolução industrial (EUA e Alemanha). O capitalismo monopolista tem correspondido no terceiro e quarto ciclos e mesmo o planejamento keinesiano, vigente desde a década de 30 no centro do sistema, não impediu a eclosão de nova fase depressiva, iniciada em 1973, durante a qual parecem estar em gestação as inovações técnicas e outras mudanças que permitem pensar numa terceira revolução industrial, que deverá ser abrir na década de 90 (Japão?). Estas rápidas observações levam a concluir que os ciclos longos fazem parte do cerne do capitalismo e de sua periodicização¹¹.

O capitalismo tem funcionado à base de longas fases de investimentos crescentes, expansão e euforia, como no pós segunda-guerra mundial e de fases de queda do nível dos investimentos, depressão e pessimismo, como está acontecendo desde 1973. Como explicar esta alternância sucessiva de expansão-depressão? Ao introduzir a máquina-a-vapor, a revolução industrial inglesa permitiu a elevação da taxa de lucro e provocou o rápido desaparecimento das manufaturas e artesanatos na Inglaterra. Mas à medida em que esta inovação foi entrando em todos os ramos industriais, ela foi esgotando paulatinamente as áreas carentes de investimentos e baixando a taxa média do lucro, criando uma situação desinteressante ao capital e abrindo, assim, um período depressivo (1815-1848). Ao se esgotarem as possibilidades de avanço da má-

Passada a grande fase de investimentos na modernização dos transportes, que permitindo baratear seus custos deu novo impulso à divisão internacional do trabalho patrocinada pela indústria inglesa, os negócios voltaram a se contrair no período 1873-1896, fase depressiva do 2º Kondratieff. Nesta fase as fusões industriais se aceleraram na Inglaterra e o capital industrial foi penetrando no setor bancário, resultando no capitalismo monopolista e financeiro. Diante da queda do comércio internacional, o poder militar inglês se encarregou de abrir novos mercados na África e na Ásia, lançando as bases da etapa imperialista do capitalismo, como parte do processo de acumulação extensiva e horizontal. A Inglaterra não reagiu à depressão de 1873-1896 de maneira dinâmica, diferentemente dos EUA e Alemanha, até então atrasadas, que foram os lugares onde ocorreram as invenções que permitiram a eclosão da segunda revolução industrial (linha de montagem, eletricidade, química etc.), no final do século XIX e início do século XX¹².

